



www.nova-acropole.pt

Jorge Angel Livraga | Delia Steinberg Guzmán

O SENTIDO OCULTO DA VIDA

Edições Nova Acrópole

ÍNDICE

O SENTIDO OCULTO DA VIDA	7
PODEM SER CONHECIDOS OS DESÍGNIOS DE DEUS?	17
DEVEMOS ACREDITAR NOS PRESSÁGIOS?	21
CONTRIBUTOS FUNDAMENTAIS DE H. P. BLAVATSKY	27
QUE OPÇÕES TEM O HOMEM NA VIDA?	35
OS RELÓGIOS BIOLÓGICOS	47
ESCUDOS INVISÍVEIS DE PROTECÇÃO	51
EM DIRECÇÃO A UMA SABEDORIA NÃO MUTILADA	59
CONHECIMENTO PSICOLÓGICO NA ANTIGUIDADE	63
O QUE FAZEM OS MORTOS NO ALÉM	77
A VERDADEIRA POESIA	81
INEFÁVEL TINTIN	87
SOBRE A VIDA E A MORTE	95
NÓS E A VIDA	103

ALGO MAIS DO QUE HUMANOS PARA ENTRETER OS HUMANOS	109
A PRISÃO DO TEMPO	115
OS SONHOS. MENSAGEIROS DO FUTURO?	125

O SENTIDO OCULTO DA VIDA

Há algo que sempre preocupou os filósofos: a vida e os seus diferentes aspectos; se a vida continua, se a morte existe; o que é que nos sucede quando nos retiramos deste cenário do mundo... E há algo que a mim, pessoalmente, me chamou a atenção e que é o facto de no momento actual haver tantos milhões de pessoas condenadas à morte. Todos havemos de morrer. Às vezes pensamos, dadas as características um pouco materialistas deste momento histórico, que é melhor não reflectir muito sobre isto. Pensamos sempre que vai acontecer aos outros; no entanto, é obvio que todos nascemos, vivemos e havemos de morrer.

Desperta-me muito a atenção, como filósofo e como homem, o facto de não haver uma preocupação mais profunda sobre o que é a vida e qual o seu sentido. Há coisas que afectam a uns e não afectam a outros, como os problemas políticos, económicos, mas há um problema comum que é o facto de que todos vamos morrer. Por isso surpreende-me, como filósofo e como homem, que haja tantos milhões de pessoas que não se preocupem seriamente em perguntar-se a si próprias e em perguntar aos grandes focos de Sabedoria da Antiguidade e aos grandes pensadores actuais o que é que isto significa, e o que há por detrás de tudo isto.

Sabemos hoje que todas as coisas, de algum modo, estão vivas. Outrora diferenciava-se os seres orgânicos dos seres inorgânicos, e ainda hoje, em Química, continua-se a falar de Química orgânica e inorgânica. Assim, se alguém nos pergunta, dizemos que um ser vivo é um gato, um cão, uma pessoa, mas não uma janela ou um troço de madeira. Porquê?

As investigações actuais, recolhidas através dos tempos, ensinam-nos que a constituição de todas as coisas, de todos os seres, parte de elementos comuns: químicos, relações físicas, térmicas, eléctricas, magnéticas, etc.

Sei que é muito difícil poder dizer onde está a vida e onde não está. Talvez nos pareça a nós que quando acariciamos um gato ou lhe bate-mos, e ele ronroneia ou grita, está vivo. Mas quando damos uma pancada na madeira também há um som... esse som é a voz da madeira. E se a quebrássemos, essa madeira faria um «crack», e esse «crack» é o grito de agonia de um ser que morre. Do ponto de vista filosófico, não podemos diferenciar o que está vivo e o que não está.

Uma coisa que a Filosofia Clássica nos ensina é não trabalhar com absolutos: neste mundo tudo é relativo. Aqui não há coisas absolutamente grandes, nem absolutamente pequenas; não existe o preto e o branco, não existe nada que tenha características absolutas. No mundo manifestado todas as coisas são relativas. Estou a falar-vos, estou a dizer-vos algumas palavras e, no entanto, há quinze minutos atrás eu não vos estava a falar e dentro de meia hora também não estarei; são simples funções do momento que não há que confundir com a essência das coisas.

Uma coisa não é má nem boa em si, mas sim pelo uso que se lhe dá; uma faca, por exemplo, nas mãos desses delinquentes e assaltantes que há nas ruas, é um instrumento de morte, de opressão e, no entanto, uma faca nas mãos de um cirurgião é um elemento de bem, de salvação. Então, a faca é boa ou má? Isso é uma relatividade. Este estrado de onde estou a falar-vos é grande ou pequeno? Se o compararmos com uma formiga é enorme, se o compararmos com a cidade de Madrid é ínfimo. No espaço não teria nem tamanho, nem idade.

Se nós começarmos por considerar os problemas da vida com este critério, é provável que cheguemos a conclusões que talvez não sejam perfeitas, mas sim humanas, e que nos ajudarão a viver. E aqui está o primeiro problema que se nos coloca: o que é a Vida? As características que damos aos seres vivos são propriedades dos seres vivos, mas não da Vida em si.

Platão faz uma diferenciação entre o Belo e as coisas belas. Suponhamos um jardim; vemos uma estátua, uma pessoa e dizemos que esse jardim, essa estátua, essa pessoa, são belos. Porquê? Porque participam

da essência do Belo. Ou seja, «o Belo» seria uma Essência, um Ser que está para além de todas as manifestações e que apenas se reflecte nelas; através delas vamo-lo descobrindo, ainda que, tal como a areia, se nos escapa das mãos, e quanto mais a apertamos mais nos escapa.

Assim, podemos deduzir que tudo o que nos rodeia está vivo.

A Vida em si, segundo os antigos filósofos, exprime-se como uma actividade, uma banda de actividade e dizemos que tudo aquilo que está dentro dela está vivo e aquilo que não está nela teria uma vida diferente que, por vezes, não podemos compreender muito bem.

Se Deus existe, se os Deuses existem, estarão vivos, mas numa outra dimensão diferente desta em que nos encontramos. Estarão num outro grau de consciência e também estarão numa outra ordem do tempo. O tempo também é muito relativo. Para um pequeno insecto, algumas horas representam toda a sua vida; para uma estrela, a nossa existência humana é um instante. Daí que também as medidas do tempo sejam muito relativas. E é dentro destas relatividades que teremos de encontrar o sentido oculto da Vida.

O que é a Vida? Para que é que existe? E mais ainda: o que é que nos possibilita a Vida? Como se manifesta? Há tantas doutrinas, tantos ensinamentos.

Há teorias materialistas que afirmam que a Vida surgiu casualmente, que o choque de determinados elementos que não têm vida, ao por-se em contacto, produziram a chispa da Vida e essa chispa vai-se perpetuando.

É evidente que, do ponto de vista filosófico, esta teoria não é muito sólida, porque... O que é que move a casualidade? Poderíamos responder que nada, mas... será que nada pode mover algo? É impossível. Toda a coisa que se move necessita de um motor, de algo que a faça mover, mesmo que seja um motor como o de Aristóteles, que ele concebia imóvel em comparação com todas as coisas que se moviam; porque as relações de velocidades também são muito relativas.

Por outro lado, as crenças religiosas transmitem-nos a ideia de um Ser Cósmico, superior, muitas vezes personalizado, que infunde a Vida nas suas criaturas. Mas... quem é que criou esse ser, Deus, Deuses ou como lhe queríamos chamar? É muito difícil poder abarcar com a nossa mente esse conhecimento.

Há um ensinamento que os meus antigos Mestres me deram e que, creio eu, poderá servir a todos: é imaginar que a nossa mente, a nossa mente concreta – não a nossa mente mais elevada –, é uma espécie de colher; se submergirmos essa colher num copo de água extrairemos um decímetro cúbico de água, e se a submergirmos no Oceano Pacífico também extrairemos um decímetro cúbico de água. Ou seja, o problema não está no lugar onde submergimos a nossa pergunta para obter respostas, mas sim em aumentar o nosso campo de consciência para poder captar e compreender cada vez mais; e isto é um trabalho individual.

A Filosofia Acropolitana propõe um crescimento individual, independentemente de nos podermos associar para estar juntos, para conversar, para realizar uma obra científica, literária ou, como estamos a fazer agora, para ouvir uma palestra quase informal vestida de conferência. Mas, para além de tudo isso há a procura e o encontro de cada um com ele próprio e com os seus problemas.

Só os encontros individuais nos dão a segurança interior de que necessitamos; tudo o resto, de uma maneira ou de outra, são crenças, e não me refiro apenas ao aspecto religioso.

Os materialistas troçam da existência dos Espíritos da Natureza, ou dos Anjos, ou Deuses. E qual é o seu argumento? Que nunca os viram. Perante isso, a resposta filosófica é muito simples: «*Você já viu algum átomo? Já mediou alguma vez a distância entre a Terra e a Lua? Já alguma vez visitou o Japão?*» Assim também eu posso pôr em dúvida a existência dos átomos, a distância da Terra à Lua ou a realidade do Japão.

No geral, salvo excepções, nenhum de nós fez uma experiência pessoal e directa sobre o assunto. Aceitamo-los simplesmente, como aceitamos a existência de Tróia. Deste modo, não é assim tão difícil aceitar como hipótese de trabalho a existência de Seres Inteligentes, se bem que invisíveis, que estão de alguma forma a manejar a Vida, embora não os vejamos.

Um homem da época carolíngia também não via os micróbios nem nenhum tipo de bactérias; no entanto, nessa época houve pestes que se alastraram por toda a Europa e os ditos vírus existiam, embora não fossem vistos. Talvez existam Seres que impulsionam ou manejam a Força da Vida, ainda que não os vejamos directamente, mas sim através dos seus efeitos, já que, no geral, vemos tudo através dos efeitos. Se agora

soltasse o microfone, este cairia. Será que veriam a «lei da gravidade»? Não, veriam apenas um microfone a cair e nada mais. A massa da Terra, muito maior do que a massa do microfone, fez com que este caísse. Vimos o efeito de uma lei natural, mas não vimos a lei em si.

O que vemos na Vida são nada mais do que manifestações externas. Seguindo esta linha de pensamento, quem nos assegura então que não existimos antes de estar aqui, neste plano, e que não continuaremos a existir quando já não estivermos aqui? Do ponto de vista lógico, do ponto de vista filosófico, não podemos de modo algum negar a existência de uma Vida contínua, de um fluxo em constante manifestação.

Alguém poderá pensar que tudo isto tem uma duração limitada, na ordem de muitos milhões de anos. Talvez, mas para nós isso é uma eternidade. Os velhos livros orientais falam-nos dos *Manvantaras* ou dos *Pralayas*: para nós são eternidades, embora tenham um número, real ou não, de anos de duração.

Os antigos pensavam que todas as coisas manifestadas estavam dentro de um grande Macrobios, de um imenso Ser vivo. Os hindus chamam-lhe *Brahma* que desperta e dorme, que desperta e dorme... A mesma história existe no Ocidente quanto ao Rei do Mundo, que está desperto durante um período de tempo e dorme num outro. Pelos vistos, existe algo contínuo que vemos como descontínuo porque fixamos a atenção ora num ponto ora noutra.

Daí que os antigos filósofos tenham dito que todo este Universo não é uma casualidade, mas sim um imenso Ser Vivo. Os platónicos e os neoplatónicos também nos falaram deste imenso Ser Vivo, de que faz parte o Universo, o qual também teria, sob o ponto de vista físico, órgãos, tecidos ou células, exactamente como o nosso corpo. Assim, no Universo, as galáxias, os sóis, os planetas não seriam nada mais do que partes vitais desse grande Ser que está em movimento, que vem de algum lado e se dirige para outro.

Se nos despojássemos dos nossos preconceitos, veríamos que todas as coisas estão em movimento. Percorri os desertos do Egipto e outros lugares onde perduram, imponentes, essas construções de há milhares de anos. Quando nos dirigimos para elas, de longe parece que ainda estão vivas, que os sacerdotes vão sair lá de dentro para saudar-nos, que os abanicos de Amón se vão abrir de novo; mas à medida que nos apro-

ximamos, vemos que tudo é areia, que as pedras estão rachadas, as colunas apoiadas umas sobre as outras para não caírem... Esse Templo está vivo, nasceu um dia quando cortaram as pedras, criaram as colunas e talharam-nas: é o Templo de Karnak, talvez o maior templo do mundo. Esse Templo foi pensado primeiro com base numa necessidade teológica, política, social... foram chamados determinados especialistas que escolheram as pedras mais aptas para poder construí-lo; fez-se uma delimitação do solo onde iria assentar, que tinha de reflectir uma delimitação celeste para que houvesse uma concordância entre os astros e os símbolos terrestres e para que o Templo fosse uma ponte entre o Céu e a Terra. Foi feito um estudo astronómico-astrológico.

Esse grande Templo, ao qual se foram acrescentando detalhes e mais detalhes até à época raméssida e pós-raméssida, esteve em actividade durante muito tempo, mas pouco a pouco deu sinais de desgaste e foi sendo abandonado e destruído.

O Universo, de alguma forma, segundo as modernas teorias do Big-Bang ou as antigas teorias religiosas que afirmavam que tinha saído de uma parte do rosto de Brahma, ou tinha sido criado por determinado Deus, teve um começo. O Universo está em movimento.

Os antigos pensavam – e os filósofos podem corroborá-lo com o seu pensamento – que aquilo a que os hindus chamavam *Sadhana*, o sentido da vida, existe, porque está presente em todos os seres vivos.

Procuro sempre que os meus discípulos observem o fogo e a água: se vertermos um pouco de água em qualquer sítio, essa água começará a cair ou a deslocar-se; tem uma sabedoria, está à procura de algo, dirige-se para algum lugar e caminha, caminha, caminha, sem se deter; e quando não pode caminhar em linha recta, desvia-se, rodeia as pedras e as montanhas até chegar inexoravelmente ao mar. E o que é que acontece quando chega ao mar? O calor evapora a água e formam-se nuvens; essas nuvens flutuam no ar até que, num determinado momento, caem convertidas em chuva. E de novo é água, e quando cai na terra procura outra vez chegar ao mar. Se a água tem essa sabedoria de poder viver, procurar, encontrar, sublimar-se, voltar novamente em busca de mais experiências e culminar esse ciclo, porque é que nós não temos de responder à mesma lei da Vida? Se, inclusive, o nosso corpo está constituído, em grande parte, por água, porque é que não procurará

também o mesmo fim, e porque é que a nossa alma não irá ao encontro, como dizia Plotino, da Alma do Mundo, num plano mais elevado e agradável do que este?

Não será tudo isto similar ao facto de encarnar e desencarnar, de nascer e morrer? Quando nascemos, há como que uma nuvem que, de alguma maneira, condensa as nossas almas em gotinhas; cada um de nós é uma gota e essas gotas reúnem-se, caminham, formam sociedades, grupos, até que, chegado o momento desaguam nesse mar onde «aparentemente» se dissolvem. E talvez haja uma força cósmica que nos eleve outra vez, que nos converta de novo naqueles espíritos que descem sobre a Terra.

O que exponho é uma possibilidade lógica, embora na Antiguidade fosse considerada uma verdade irrefutável. Há uma velha teoria que afirma que tudo isto tem uma razão, porque, se assim não fosse, não estão de acordo que a Vida seria de uma crueldade imensa? Estaríamos no seio de uma verdadeira loucura. Imaginai: põem-nos no cenário do mundo no lugar em que nascemos: aparecemos, somos pequeninos, dizem-nos que estes são a mamã, o papá, o tio, avozinha; levam-nos ao colégio, estudamos, vivemos, amamos, odiamos, temos problemas e quando aprendemos a viver, a mesma mão que nos trouxe começa a tirar-nos a vida. É precisamente quando temos mais experiências, quando realmente temos mais experiências, quando realmente poderíamos manejar as coisas, que nos tiram a vida e partimos deste mundo.

Se tudo isto não tivesse sentido, se não tivesse uma continuidade, este mundo estaria louco.

Observemos uma planta qualquer e veremos a imensa inteligência com que foi desenhada. Hoje fala-se dos painéis térmicos para aproveitar a luz solar, sim, mas já desde o período pré-carbonífero que havia painéis térmicos para aproveitar a luz solar: eram as folhas das plantas. As folhas das plantas aproveitam a luz solar para a fotossíntese; além disso, através do sistema da capilaridade (descoberto pelos físicos há poucas centenas de anos), as plantas conseguem que a sua seiva vital vá desde as raízes até as folhas, se renove e desça de novo até às raízes; ou seja, tudo está tremendamente, magnificamente pensado. Detenhamo-nos agora num animal, por exemplo uma pantera ou um tigre. Porque é que o tigre tem riscas e porque é que a pantera do Brasil tem man-

chas? O tigre tem riscas porque estas lhe servem de camuflagem pelo facto de viver entre os bambus. A pantera do Brasil tem manchas porque vive numa selva em que há flores, folhas e essas flores e folhas de diferentes cores escuras, douradas fazem com que ela também se confunda dentro desse panorama.

Tudo isto significa que há outras inteligências, para além das nossas, que pensaram os Arquétipos que regem as plantas e os animais. E que me dizem, por exemplo, dos minerais? Já observaram as rochas, as pedras, os cristais, repararam na maneira perfeita com que estão desenhados, talvez melhor ainda do que a Grande Pirâmide? E como é que a Natureza, com uma única substância, o carbono, pôde criar o confuso granito e o transparente diamante. Isso demonstra que há um pensamento em toda a Natureza que nos rege e que tudo está perfeitamente pensado.

Aquele ou Aquilo que idealizou as curiosas tracções que permitem que as amibas se movam, que os pássaros tenham os ossos ocos para serem mais leves e poderem voar, que desenhou as escamas dos peixes para que possam penetrar mais facilmente na água, que os doou de uma bexiga-natatória para subir e descer como os submarinos modernos; aquele que pensou em tudo isso, porque é que não teria pensado isso na nossa constituição física mas também na nossa constituição psicológica, mental e, em ultima análise, na nossa finalidade?

Porquê pensar que esta Inteligência Cósmica se preocupou com as plantas, os animais, os minerais e não se teria preocupado com os homens, se nós também somos seres vivos? A Vida existe e está perfeitamente calculada, pensada por Alguém, por Algo. Porquê? Para que é que se utilizou tanto e com tanta intensidade o Pensamento para dar a todas as coisas esta harmonia maravilhosa? Tem que ser para algo. Ninguém faz uma ponte se ninguém vai atravessar. Ninguém faz um barco se ninguém vai navegar nele. Ninguém faz uma cadeira se ninguém vai sentar-se nela. É evidente que a nossa construção orgânica e a construção orgânica da Natureza foram feitas para algo, para serem aproveitadas por algo que irá durar mais do que o objecto em si, algo que irá poder utilizá-las. E àquilo que vai utilizá-las, nós, filósofos, chamamos Alma, o Espírito que passa através das coisas.

É evidente que, imersos como estamos nesta prisão da carne, nos

nossos problemas económicos, familiares, vitais, é muito difícil por vezes reflectir sobre estas questões. Recordo de um fragmento do livro de Ovídio Nasón, *A Arte de Amar*, que me impressionou muito da primeira vez que o li. Ovídio era, como sabeis, um dos grandes poetas da época do Imperador Augusto e, digamos que era um pouco boémio; gostava de andar com mulheres pela noite fora, beber, deitar-se muito tarde (ou melhor dito, muito cedo, quando o sol já tinha nascido)... Mas, claro, além de ser assim, era Ovídio. Conta-nos, entre muitas outras coisas, o que lhe aconteceu com uma das suas amadas, à qual atribui um pseudónimo (naquela época existia a honra de não mencionar os nomes das damas, mas de inventá-los; um bom costume). Chamou-lhe Corina, não sabemos quem era. Ovídio relata que um dia chegou ao palácio de Corina, uma dama da alta sociedade romana que possuía tesouros preciosos, entre eles um papagaio vindo provavelmente das Índias, que sabia falar. O papagaio repetia tudo o que ela lhe dizia, respondia, falava com ela, era uma grande companhia. Entretanto, Ovídio chega e vê Corina a chorar com o papagaio nos braços, aparentemente morto. Ovídio pergunta-lhe: «*Corina, porque choras?*» E ela respondeu-lhe: «*Lembras-te do papagaio que falava connosco, que repetia as nossas palavras de amor, os nossos cantos, que era uma jóia maravilhosa, verde como uma esmeralda? Hoje é um montão de penas e nada mais. Onde está o papagaio? Que se passa? Porque é que as coisas acabam?*». Ovídio procura consolá-la, iniciá-la nas coisas que ela ignora, e diz-lhe: «*Hás-de saber, Corina, que há um céu onde estão os homens e também há um céu para os animais. Há uma pequena banda entre o céu dos homens e o dos animais onde estão os animais superiores, aqueles que inclusivamente podem falar ao homem e repetir as suas palavras e assim consolam esses animais recordando-lhes a voz dos seus amos; mais tarde voltam novamente à Terra para acompanhar os homens*». Corina chora e diz: «*Não, não me contes isso a mim; aqui há simplesmente um montão de penas verdes, o meu papagaio já não existe, já não vive mais*». E então, o papagaio, num último esforço antes de morrer, levanta a sua pequena cabeça, fita Corina e diz-lhe: «*Corina, Corina, a morte não existe*».

É muito belo encontrar estes velhos exemplos. É muito belo pensar que às vezes os animais, as plantas e as árvores morrem em paz, porque têm um conhecimento que nós já perdemos ao intelectualizar demasia-

do a vida. Perdemos o conhecimento da nossa própria eternidade, perdemos o conhecimento da nossa vida interior, perdemos o conhecimento da nossa Alma imortal.

Hoje temos de retomar esse conhecimento, porque no fundo e apesar de todos os nossos progressos tecnológicos, às vezes estamos tristes; e apesar de vivermos em megalópolis, de estarmos no meio de multidões, de podermos conversar e ler os jornais, ver televisão ou ouvir a rádio, por vezes sentimos-nos muito sós, tremendamente sós. Às vezes gostaríamos que alguém nos dissesse alguma coisa, como esse papagaio, que a morte não existe, que a Vida tem um sentido, tem uma direcionalidade; e é evidente que a tem.

Se virem uma flecha no ar, não pensarão que surgiu de um arco e que vai em direcção a um alvo? O que nós estamos a ver na Vida é uma flecha no ar, e essa flecha foi lançada por um Arqueiro Divino. Um dia, com um som inconcebível, fomos lançados através do tempo e do espaço, mas chegaremos a um alvo, chegaremos a um lugar. Toda a nossa Vida tem um sentido; têm sentido as nossas alegrias porque nos confortam para continuar a viver e também têm sentido as nossas dores e as nossas lágrimas porque nos permitem adquirir experiências, fazem-nos um pouco mais sábios e talvez um pouco melhores.

Quem tenha partilhado risos, sabe que isso é bom para o entusiasmo, e quem tenha partilhado lágrimas sabe que isso é bom para a união das almas. Porque nesta Vida e na Natureza não há nada que seja realmente mau; tudo é bom no seio do seu Oculto Sentido.

Jorge Angel Livraga

Fundador da Nova Acrópole

Conferência proferida em Outubro de 1987

SOBRE A VIDA E A MORTE

Acostumados como estamos a cingir-nos a conceitos rígidos e de exclusão, a vida e a morte converteram-se em dois motivos de preocupação com as suas causas específicas.

Em princípio, é a morte que produz maior repulsa e medo, já que se adentra em planos desconhecidos para a nossa mentalidade, quando não é considerada como um infinito vazio, um nada sem conteúdo. Deste modo, e comparativamente, a vida torna-se mais aceitável, embora os problemas que ela arrasta não deixem de nos afligir diariamente e levam, em casos extremos, ao suicídio como solução.

A vida tem as suas complicações mas, apesar disso, repudia-se a morte sem se saber ao certo se é melhor ou pior que a vida.

Seja como for, vida e morte apresentam-se como irreconciliáveis ainda para muitos daqueles cujas crenças religiosas vêem na morte outro estilo de realidade ou de «vida». E é precisamente esta aparente falta de correlação que mais magoa, visto que uma das maiores aspirações dos homens de todos os tempos foi a de unir a vida e morte, ultrapassando essa barreira tão obscura e pesada que se ergueu entre uma e outra.

Todos querem saber um pouco mais sobre a morte. Muitos querem saber algo mais sobre a vida, mas com um interesse mais frouxo, mais dilatado, pois confiam que há tempo suficiente para viver a vida e pouco a pouco inteirarem-se dos seus porquês.

No entanto, é conveniente recordar que as coisas nem sempre foram assim. É certo que sempre existiram pessoas cujas preocupações estavam longe deste jogo de dualidades, mas a história assinala momen-

tos em que diferentes civilizações se questionaram sobre o binómio vida-morte sem grandes traumas, conjugando-o como uma unidade vital sob dois aspectos. Vida e morte não eram mais do que dois de uma mesma moeda e ambas eram compreendidas e assumidas desde os primeiros anos com os primeiros ensinamentos.

Houve povos – e recorremos uma vez mais ao exemplo dos egípcios – para quem a morte era o acesso à verdadeira Vida, enquanto a passagem pela Terra constituía uma preparação para aceder a esse outro estado mais perfeito, mais intenso e espiritual que permitia o contacto directo com os Deuses; mas a morte também era passageira, já que cada ser humano devia regressar ao mundo terrestre para adquirir novas experiências nesta dimensão material e concreta.

No caso dos egípcios e de muitos outros povos da antiguidade (hindus, iranianos, sumérios, assírios, babilónicos, gregos, romanos, germanos, celtas, etc.) não estava tão marcada a obsessão dos vivos em se relacionarem com os mortos, nem dos que iam morrer por não perderem contacto com aqueles que ficavam na Terra. Sabia-se que a porta entre um mundo e o outro não era intransponível e que, em todo o caso, se não havia um contacto regular era para que cada qual pudesse continuar a trabalhar no seu âmbito sem interferências desnecessárias.

Séculos de mudanças de ideias e de inúmeras controvérsias religiosas (nas que também tomaram parte interesses políticos e económicos), abriram pouco a pouco um abismo cada vez maior entre a vida e a morte e geraram uma confusão crescente entre os humanos. As religiões, de uma ou de outra forma, procuraram assenhorar-se das vidas e serem regentes da morte, assinalando comportamentos na Terra que mereceram prémios no além e distribuíram castigos e perdões à maneira dos tribunais ordinários.

Conceitos Associados

O acervo tradicional próprio da maioria das religiões não concebe a ideia da morte como um novo estado da alma, sem se referir necessariamente a ideias como a preexistência da alma, a imortalidade, a res-

surreição, a reencarnação, a transmigração, a palingenesia, a metempsi-cose e outras similares.

Foque-se como se focar, o certo é que havia – e há – que assumir certas definições sobre a alma ou o espírito humanos, sobre o que morre e o que permanece, e sobre as condições em que perdura o que permanece.

Sem entrar em considerações sobre a natureza espiritual do homem e quais são os princípios que podem trespassar a morte do corpo, faremos uma breve passagem sobre as ideias mais generalizadas a respeito.

Aceitar que depois da vida haverá outra vida permanente, feliz ou atormentada, de acordo com os méritos acumulados, equivale a ter que aceitar a preexistência da alma, pois torna-se absurdo pensar na permanência de algo que nunca existiu antes de aparecer na vida. A sua qualidade de permanente depois, vem de antes, a não ser que devamos assumir os infinitos caprichos ou acções divina incompreensíveis para os humanos. A imortalidade da alma foi a base para muitas religiões e filósofos de outra concepção: a reencarnação, melhor dito, o facto de viver várias vezes na terra embora sob aparências diferentes dentro do denominador humano comum, do mesmo modo que a Natureza inteira se renova ciclicamente sem morrer definitivamente em cada uma das estações do ano.

Aqui cabem por sua vez várias matizes: uma única ressurreição, não na terra mas no céu, recuperando o mesmo corpo que se teve, para assim gozar da paz eterna, uma vez que Deus tenha julgado a todos os homens após o final do mundo. Haverá os que ressuscitarão para viver eternamente no céu; outros fá-lo-ão no inferno e outros ficarão num estado intermédio purgando os seus erros que não terão sido tão grandes para merecer o inferno nem tão pequenos para permitir o acesso ao paraíso.

Na Índia, o termo sânscrito «Samsara» serve para designar a «Roda da Vida» que gira constantemente, tocando às vezes o mundo manifestado e passando em outros pontos pelo mundo subtil onde se encontram aqueles que vulgarmente chamamos mortos. Esta roda está em movimento devido às acções do homem: como cada acção gera uma reacção, é impossível deter o giro da vida e da morte pelo menos até que a consciência se eleve e promova acções altruístas, livres de qual-

quer desejo pessoal, generosas e serviçais em relação a todos os seres. Então, a roda deter-se-á, mas isso não acontecerá amanhã...

Os termos gregos *Palingenesia* (*palin* – outra vez, de novo; e *genesis* – origem) e metempsicose (*metem* – mudança; *psiquis* – alma), assinalam ideias similares à reencarnação que os povos da antiguidade sustentaram. Por diferentes razões, que mais ou menos coincidem na necessidade da alma de se recompor, de recuperar a consciência da sua natureza, de se desprender dos aditamentos e coações da matéria, o homem deve voltar à vida terrestre regressando da morte; e como os corpos físicos são falíveis, chegará a morte como repouso e parêntesis antes de voltar a começar.

O que nos parece totalmente desfasado e mal interpretado é o conceito de transmigração quando é explicado como a possibilidade do espírito humano reencarnar em qualquer das formas viventes, quer seja uma pedra, uma árvore ou um animal, contradizendo com isso qualquer princípio lógico de evolução e fazendo da existência um caos absoluto onde nada tem um sítio nem uma meta.

O Temor à Morte

A partir do século VI, após o sínodo celebrado em Constantinopla pelo imperador Justiniano para anatemizar algumas obras e ensinamentos do filósofo Orígenes, tudo o que se referia à pré-existência da alma e à reencarnação – que não estava fora da doutrina cristã – entrou no silêncio do proibido.

Para o nosso mundo ocidental passou a converter-se num tabu e houve que pôr de lado todas as antigas religiões, filosofias e psicologias que tinham desenvolvido estas doutrinas durante séculos e mais séculos. Do mesmo modo, os pensadores e escritores, que fossem de linha mística, filosófica ou científica que abordaram tais temas, foram desviados nos estudos, foram mutilados nas suas explicações ou simplesmente foram qualificados de loucos. Todo um passado rico em experiências e pródigo em mostras significativas de sabedoria, ficou às escuras devido às novas ideias que vinham substituir os velhos erros e não

faltou quem atribuísse ditos erros à tarefa do diabo, dedicado a tentar os homens com ilusões e falsidades para pôr à prova o seu critério.

Levamos quase dois séculos nos quais os livros sagrados e compêndios filosóficos dos melhores autores devem ser lidos em sentido literal, como se o simbolismo e a linguagem cifrada nunca tivessem existido. No entanto, é bem sabido que qualquer obra tem mais do que uma leitura, que os símbolos existiram sempre e que é mais próprio do desenvolvimento espiritual estar mais próximo do significado profundo das palavras do que das parábolas simples, que servem para dar os primeiros passos e aceder às primeiras explicações.

A fim de não cairmos nos exemplos orientais que podem parecer estranhos à nossa forma de viver e de pensar, citaremos uma pequena lista de grandes literatos, artistas e filósofos ocidentais que, desde a época grega até ao presente, não tiveram dúvidas em aceitar a imortalidade da alma e a natural possibilidade de que a alma passe por diferentes vidas até adquirir diferentes experiências. Começaremos pelo conhecido Pitágoras, para prosseguir com Heraclito, Empédocles, Platão, Aristóteles, Cícero, Virgílio, Ovídio, Plutarco, Plotino e os neoplatónicos em geral, o imperador Juliano... A Idade Média estende um véu sobre o pensamento, que volta a reaparecer com toda a sua força no Renascimento sob a pluma de Dante, Marcilio Ficino, Pico de la Mirandola e muitos dos grandes aristocratas que exerceram como mecenas de artistas e de movimentos filosóficos, tais como o neoplatonismo, o pitagorismo, a cabala, o hermetismo, a alquimia e a maçonaria. Seguem-se Paracelso, Giordano Bruno, Shakespeare, Tomás Campanella, John Milton, Espinosa, Leibniz, Voltaire, Benjamim Franklin, David Hume, Kant, Lessing, Herder, Goethe; Schiller, Fichte, Hegel, Schopenhauer, Thomas Carlyle, Balzac, Victor Hugo, Emerson, Edgar Allan Poe, Tennyson, Kierkegaard, Flaubert, Dostoievsky, Tolstói, Ibsen, Mark Twain, Bernard Shaw, Gustav Mahler, Rudyard Kipling, Yeats, Romain Rolland, Rilke, Hermann Hess, Khalil Gibran, D.H. Lawrence, Priestley, Aldous Huxley e tantos outros que seria fastidioso mencionar. Será que nenhum deles tinha critério suficiente para expor as suas crenças ou ideias filosoficamente assentes, quando não reforçadas por conhecimentos científicos?

Nos dois últimos séculos ergueu-se uma nova barreira entre a vida e a morte, para além da que já estava estendida pela débil compreensão da Natureza. A oposição entre a religião e a ciência agudizou ainda mais as diferenças de conceitos, e se havia algum resquício de liberdade espiritual, a ciência encarregou-se de ridicularizá-lo sob um novo anátema: «*nada disto pode ser provado*», «*não temos provas científicas destas afirmações*»...

Procurava-se demonstrar, com meios materiais, realidades abstractas. Procurou-se – e conseguiu-se por um tempo – reduzir a vida psicológica, intelectual e espiritual a meras secreções glandulares. Tudo se reduz ao funcionamento orgânico do corpo e, portanto, não havia mais do que uma vida: esta, e a morte converteu-se no final de todas as coisas.

Mas a ciência não está separada dos homens e foi, precisamente, a inquietação humana que encaminhou a ciência para novos campos, novas investigações, novas formas de interpretar a realidade. Assim nasceram numerosos «paras»: fenómenos paranormais, parapsicológicos, parafísicos, e outros similares que tentavam explicar aquilo que, à vista de factos concretos, necessitava, sem nenhuma dúvida, de uma explicação, por mais absurda que fosse.

Lamentavelmente, juntamente com as investigações sérias e encaminhadas para encontrar a verdade, apareceram – como sempre e como continuarão a aparecer – farsantes que aproveitaram a novidade para fazerem bons negócios com isso. Espiritistas de segunda, magos de meia-tigela, videntes de feira e uma infinidade de interlocutores com o mais além obtiveram os seus lucros em detrimento de uma via de conhecimento, que podia ter-se aberto com maior rapidez e limpeza.

Não obstante, e apesar da confusão de farsantes, a necessidade de saber e de saber bem, continua a trazer a sua energia. Hoje, são cada vez mais os trabalhos nos quais se relatam casos considerados curiosos ou impossíveis até não há muito tempo, mas que se vão dando a conhecer na medida em que desaparece o medo em revelá-los.

Médicos e psiquiatras, amparados pelo rigor da sua profissionalidade, trataram casos muito concretos nos quais as recordações transmitidas por certas pessoas em estado de transe hipnótico só podiam pertencer a épocas anteriores à sua existência actual e sem quaisquer possibili-

dades de fraude. Também foram feitas observações no campo dos doentes em face terminal ou em estado de coma profundo que chegaram mesmo a ser dados como mortos e que, no entanto, «regressaram» outra vez ao corpo, à «vida», relatando com maior ou menor claridade as suas experiências enquanto estavam no «além». As coincidências nos relatos revelam-nos que seria difícil pôr de acordo vários milhões de pessoas de diferentes lugares, diferentes formas de crença e de educação, para que repetissem o mesmo. Parece, antes, que nos encontramos diante da possibilidade de abrirmos passagem no meio de uma fronteira que sempre resultou temível e intocável, pelo menos desde que certos tabus sobre a morte se converteram em algo terrível e doloroso este acontecimento natural e lógico no decurso da pretendida e desejada evolução.

Novamente, e com vestes modernas, aparece Satanás como o indutor destas experiências, quando não se tenta mostrá-la como um simples efeito de drogas ou, em qualquer caso, como o produto da fervente imaginação de alguns transtornados.

Pese a tudo isso, a pujança de certas vivências profundas, faz com que o caminho não se feche mas que, antes pelo contrário, abra passagem a novas postulações.

É inegável que existe nos seres vivos um «instinto», chamemos-lhe assim, de eternidade. Tudo o que vive resiste à morte, quer em actos simples e instintivos, quer sob a forma de angústia que afecta os homens obrigados a deixar a existência para sempre enquanto os seus sonhos e esperanças permanecem activos.

Subsiste o desejo de não morrer, de não deixar as coisas inacabadas ou de ter novas oportunidades de continuar. Subsiste o desejo de não perder definitivamente os seres que amámos; é duro resignar-se a pensar que se parte deixando tantas pessoas queridas sem poder comunicar com elas, ou que essas pessoas irão antes de nós para um mundo obscuro – se é que é mundo – onde já não poderão contactar connosco. É duro pensar que só nascemos uma vez, que temos muito poucos anos para aprender tudo o que necessitamos para amadurecer e que, após essa breve – feliz ou infeliz – experiência, não nos resta mais do que um paraíso um tanto aborrecido para os mais activos ou um inferno indecente para os que não chegaram verdadeiramente a compreender o valor de um erro.

Para além das dificuldades e das proibições, da incredulidade e do desespero, são muitos os que procuram, por um ou outro meio, vencer essa barreira intransponível. Ao fim e ao cabo, não é preciso voltar a tocar ou a ouvir os que morreram antes de nós para «sentir» que estão perto, que existem relações psicológicas, afectivas, mentais, morais e espirituais permanentes. No fundo, é muito possível que os que estão do «outro lado» também se esforcem por chegar até nós, não todos os dias, mas sim em momentos especiais, tal como na vida quotidiana em que nem sempre estamos uns com os outros.

A vida tem mais sentido se lhe acrescentarmos a morte como um repouso natural, como um sonho que nos ajuda a digerir mil e uma circunstâncias antes de voltar a despertar. E a morte tem sentido se concebermos a Vida Una que se exprime de um e de outro lado da barreira.

Vida e morte apoiam-se e complementam-se. Se agora estamos vivos, por semelhança e analogia, é que viemos de alguma outra forma de vida e nos dirigimos para um outro aspecto da vida. Se assim não fosse, para quê fazer sofrer a humanidade com esse terrível instinto de sobrevivência; para quê dar lugar no sentimento e na razão a algo que não existe?

Seria interessante converter esse desejo de sobrevivência numa clara consciência da imortalidade, concedendo a cada minuto da nossa existência o valor de um passo em frente, de uma experiência útil para sempre, de uma união constante com os que trilham os mesmos caminhos. Assim, é possível que acabem as intermináveis discussões sobre a vida e a morte para, por outro lado, permitir-nos estar despertos e activos tanto na vida e na morte, tanto de um lado como do outro de uma porta que cada vez mais nos é menos tenebrosa e temível. Assim como é a Porta da nossa Casa, para entrar e para sair.

Délia Steinberg Guzman
Directora Internacional da Nova Acrópole